

CONTANDO A HISTÓRIA DE DEUS¹

David R. Schmitt²

Resumo: O tópico do presente artigo é a relevância da narrativa bíblica – da criação à nova criação – para a formação da fé cristã e para a proclamação teológica na contemporaneidade. O autor, David R. Schmitt, aborda o tema sob a perspectiva da teologia narrativa, argumentando que a experiência de fé é profundamente moldada pela escuta, vivência e proclamação da história de Deus. A partir de uma análise crítica de expressões culturais e práticas eclesiais, Schmitt reflete sobre os riscos de uma abordagem reducionista da pregação – centrada exclusivamente na dinâmica lei/evangelho – que desarticula a unidade narrativa das Escrituras. Os resultados da pesquisa indicam que recuperar e narrar fielmente a história mestra de Deus promove uma compreensão mais profunda da identidade cristã, fortalece a comunidade de fé e sustenta o testemunho da igreja em meio a uma cultura que frequentemente fragmenta a narrativa bíblica.

Palavras-chave: Narrativa. Proclamação. História de Deus. Homilética. Pregação.

Abstract: The topic of this article is the significance of the biblical narrative – from creation to new creation – for Christian faith formation and theological proclamation in contemporary contexts. The author, David R.

¹ Lucas Prando, tradutor. Tradução e publicação autorizados pelo periódico teológico *Concordia Journal*, St. Louis, v.40, n.2, 2014.

² David R. Schmitt ensina teologia prática na *Gregg H. Benidt Memorial Endowed Chair in Homiletics and Literature*, no Concordia Seminary, em St. Louis. Este artigo é uma adaptação de uma palestra proferida no Simpósio Teológico Anual do Concordia Seminary, em setembro de 2013.

Schmitt, addresses the subject from the perspective of narrative theology, arguing that faith is deeply shaped by hearing, living, and proclaiming God's story. Through a critical analysis of cultural expressions and ecclesial practices, Schmitt reflects on the dangers of a reductionist approach to preaching – one that focuses solely on the law/gospel dynamic – which can fragment the unity of Scripture. The findings suggest that faithfully telling God's master story enhances Christian identity, strengthens the community of faith, and supports the Church's witness in a culture that often fragments the biblical narrative.

Keywords: Narrative. Proclamation. God's Story. Homiletics. Preaching.

INTRODUÇÃO

Eu gostaria de começar em um momento cultural que parece bastante distante do nosso. O ano é 1674. O lugar é Londres. Lá, dois poetas (um famoso e o outro infame) estão situando a história de Deus no domínio público.

John Dryden é o poeta famoso. Ele é poeta laureado, historiador real, crítico literário e dramaturgo, bem conhecido por suas peças heroicas. Ele cultivou uma reputação por dramas exagerados que reforçavam a cultura extravagante da corte de Carlos II. Em abril de 1674, John Dryden anunciou que estava escrevendo uma ópera rimada baseada no *Paraíso Perdido* de Milton. Ele estava transformando aquele épico protestante fiel em um espetáculo popular.

John Milton é o outro poeta, e ele é infame. Ele é regicida e divorciado, tendo defendido a decapitação de Carlos I e escrito tratados defendendo o divórcio com base na Bíblia. Alguns de seus livros foram publicamente queimados pelo carrasco, e sua cegueira era vista como um sinal claro do julgamento de Deus sobre ele. Três meses após o anúncio de Dryden, Milton publica uma segunda edição de *Paraíso Perdido*, acrescida com um poema de louvor que ridicularizava os poetas populares e suas “rimas tilintantes”.

Em 1674, em Londres, temos um momento cultural no qual dois poetas estavam situando a história de Deus no domínio público de maneiras diferentes.

Consideremos Milton. Em *Paraíso Perdido*, no final do poema, Adão e Eva estão prestes a ser expulsos do jardim do Éden. No entanto, Deus não os manda embora desolados. Ele envia o arcanjo Miguel, e, nos Livros 11 e 12, Miguel entrega um longo sermão a Adão. O sermão conta toda a história bíblica, desde Caim e Abel até o retorno de Cristo e a nova criação. Adão vê e ouve tudo. À medida que experimenta essa narrativa da história de Deus, Adão faz perguntas e forma julgamentos, enquanto Miguel permanece em diálogo com ele. No início, Adão não entende. Ele não consegue ver o que Deus está fazendo no mundo. Mas, ao final do sermão, Adão começa a compreender. Ao interagir com a história mestra, Adão cresce. Ele se torna mais discernente em relação aos caminhos de Deus, mais firme na fé ao se apegar às promessas divinas e preparado para entrar no mundo. A obra de Milton sugere que os cristãos são formados na fé para viver no mundo por meio da escuta da história de Deus. Contar a história mestra é o meio pelo qual Deus prepara seu povo para viver no mundo.

Em contraste, consideremos John Dryden. Dryden percebeu como a história de Deus foi contada. Por um lado, ela foi usada para defender a execução de um rei; por outro lado, ela foi usada para defender a restauração de um rei. Por um lado, ela foi usada para argumentar que o grande incêndio e a peste foram o julgamento de Deus sobre Londres devido à corrupção da corte de Carlos II; por outro lado, foi usada para argumentar que o incêndio e a peste foram a purificação de uma cidade que matou o seu rei.³ Quando uma única história pode ser usada para tantas coisas diferentes, isso faz você se perguntar se essa história realmente tem valor algum. Faz você imaginar como seria viver no mundo sem história alguma. Assim, quando Dryden chega ao fim de sua ópera, Rafael visita Adão e Eva. Ele lhes mostra a morte e a vida eterna... mas nada mais. Não há um recontar da história de Noé e do dilúvio, nem de Abraão, Isaque ou Jacó, nem do Êxodo, de Israel, do exílio, de Cristo, da crucificação, ressurreição, ascensão ou retorno de Cristo. Quando Adão e Eva deixam o jardim do Éden, eles partem sem a história mestra de Deus e se conformam a viver sem uma história mestra no mundo. Dryden pega uma linha de Satanás,

3 Para um exemplo de Dryden negociando esses diferentes usos da história bíblica, veja seu poema de 1667, *Annus Mirabilis*.

da obra de Milton, e a coloca nos lábios de Eva. As últimas palavras de Eva – de fato, as últimas palavras humanas da ópera – são: “O mais distante do que outrora desfrutei é o melhor” (*Farthest from what I once enjoy’d is best* – 5.4.259).⁴

Neste momento cultural, temos duas formas de situar a história divina no mundo. As pessoas podem ser formadas por essa história ou podem estar livres dela. Como em Milton, alguém pode ser formado ao ouvir toda a história bíblica e interagir com ela em diálogo com os outros. Ou, como em Dryden, pode-se estar completamente livre dela, pois quanto mais distante das origens dessa história, melhor será a vida no mundo.

Começo com este momento cultural porque, de certa forma, ele reflete o nosso próprio momento cultural. Nos Estados Unidos, alguns sentem que experimentaram o governo dos puritanos. Eles viram a história cristã sendo usada para justificar diversas coisas. Eles viram como essa história foi usada para dizer que nossa nação é a “Cidade sobre um Monte”, o farol de esperança para todas as nações. Eles ouviram como essa história foi usada para justificar atos de misericórdia em hospitais e abrigos para sem-teto, e também ouviram como essa história foi usada para justificar violência em clínicas de atendimento a mulheres e protestos em funerais militares, alegando que essas mortes eram o julgamento de Deus. Quando a história cristã é usada para tantas coisas diferentes, algumas pessoas começam a se perguntar se não estaríamos melhor sem história alguma. Elas buscam libertar as pessoas dessa história, apagá-la da arte e da arquitetura de nossos espaços públicos, removê-la das salas de aula da educação pública e dos céus de nossa imaginação.

E como os cristãos, chamados para ser a igreja dentro desta cultura, devem contar a história de Deus? À medida que a cultura americana apaga essa história de nossa memória cultural, a igreja precisa estar mais atenta à história sagrada que conta. O que significa viver *em*, *com* e *sob* a história de Deus? Para começar a responder a essa pergunta, este artigo considerará a forma narrativa da experiência de fé, tanto à medida que as pessoas vivem na história quanto enquanto o povo de Deus conta a história de Deus.

4 John Dryden, *The State of Innocence and the Fall of Man*, em *The Works of John Dryden*, v.12, Vinton A. Dearing (Ed.) (Berkeley: University of California Press, 1994), p.146.

VIVENDO NA HISTÓRIA

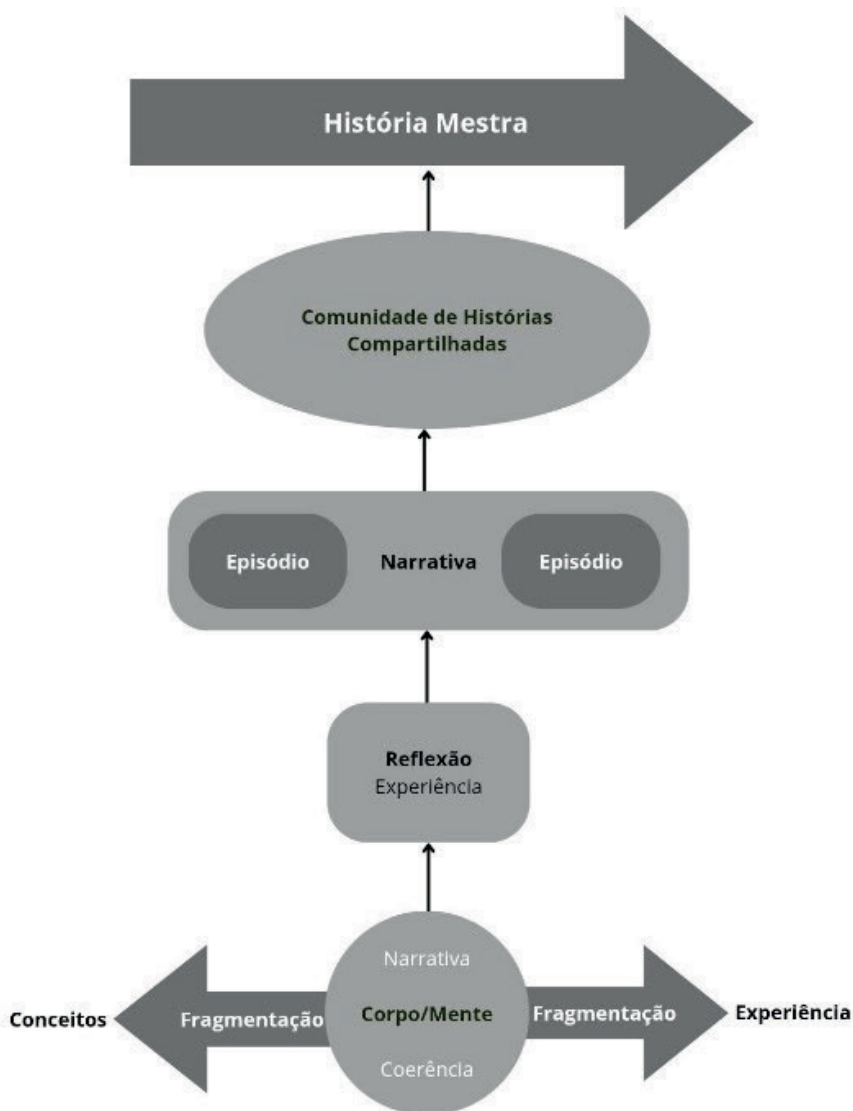
Recentemente, houve um renascimento do interesse pela narrativa. A narrativa é entendida como um outro modo do saber: você pode conhecer algo por meio da investigação científica ou por meio da história. Assim, a narrativa está sendo integrada a disciplinas onde tradicionalmente se encontraria a ciência. Surgem ambientes de aprendizado centrados na narrativa. Universidades oferecem cursos sobre narrativa e geografia, narrativa e direito, narrativa e políticas públicas, liderança narrativa, física narrativa, engenharia narrativa, arquitetura narrativa, e é possível até obter um mestrado em medicina narrativa.

A igreja também está passando por um renascimento da narrativa, tanto no nível congregacional, onde igrejas estão participando do programa de trinta e uma semanas da Zondervan chamado *The Story*, quanto no nível acadêmico, onde a teologia narrativa está retornando à proeminência. Até mesmo dentro dos círculos luteranos, encontramos um renascimento do interesse pela narrativa. Por exemplo, o livro recente do Dr. Kolb, *Luther and the Stories of God: Biblical Narrative as a Foundation for Christian Living*, explora o papel da narrativa na pregação de Lutero.

Dado o vasto corpo de literatura sobre narrativa, este ensaio apresentará apenas as dinâmicas básicas de uma abordagem narrativa para a experiência da fé. Para isso, consideraremos o seguinte diagrama como uma representação de como os indivíduos vivem em histórias.

A maioria dos trabalhos que exploram o poder da história na formação da experiência humana faz referência a um artigo de Stephen Crites, *The Narrative Quality of Experience*.⁵ Este diagrama tenta expressar visualmente o que Crites explora na teoria crítica. Para apresentar o diagrama, moveremos da parte inferior para a superior. Esse movimento não é uma ascensão platônica das experiências deste mundo para o reino das ideias, nem da matéria para o espírito, mas, sim, uma expansão da experiência individual para horizontes narrativos maiores, passando de episódios da vida pessoal para uma história pessoal mais ampla, depois para uma comunidade de histórias compartilhadas e, por fim, para a história-mestra da obra de Deus no mundo.

⁵ Stephen Crites, "The Narrative Quality of Experience", *Journal of the American Academy of Religion*, ano 39, n.3, p.291-311, 1971.



No cerne do trabalho de Crites está um ato de meditação: sua meditação sobre Agostinho, que, por sua vez, medita sobre sua experiência de fé. Após tornar-se bispo, Agostinho escreveu uma autobiografia espiritual, *As Confissões*, criando assim uma expressão narrativa de sua fé. Crites foca particularmente no momento dos Livros 10 e 11, onde Agostinho medita sobre o tempo e a memória. No encontro entre o tempo e a memória nasce

a narrativa. Como somos criaturas no tempo, experimentamos um fluxo contínuo de vivências. Como temos memória, conseguimos recordar experiências passadas e projetar a partir delas possíveis experiências futuras. Esse ponto de interseção entre o tempo que passa e a memória que retém esses momentos cria algo que Crites considera fundamental para a experiência humana: a narrativa. Crites argumenta que, por experimentarmos a passagem do tempo e por termos memória, vivemos em histórias.

Na base do diagrama encontra-se aquilo que, para Crites, é essencial – o **eu** em sua experiência concreta como indivisível, temporal e íntegro. Para Crites, a fé é encarnada na experiência corporal. Ele se opõe a teorias que fragmentam essa experiência holística, dividindo o **eu** entre razão e experiência. Ou seja, por um lado, Crites critica aqueles que reduzem essa experiência holística da vida a meros ensinamentos, deixando a experiência de lado. Fred Craddock certa vez lamentou que esta é a maneira que alguns pregadores trabalham com as narrativas das Escrituras. Eles as reduzem a ensinamentos abstratos e perdem a encarnação da teologia na vida.⁶ Por outro lado, Crites também critica aqueles que reduzem essa experiência holística a uma mera experiência momentânea, passageira e desconectada de qualquer outra coisa. Em vez de ter apenas experiência ou apenas ensinamento, Crites argumenta que o significado é encarnado na experiência corporal. Os seres humanos não são mentes desencarnadas nem corpos sem mente, mas, sim, seres temporais, e aquilo que melhor reflete a unidade e coerência da experiência humana é o poder da narrativa.

A narrativa opera, no entanto, dentro de diversos horizontes. Começando na base do diagrama, temos o episódio, que possui horizontes temporais e comunitários limitados.⁷ O indivíduo seleciona certas experiências sensoriais e as ordena de forma a constituírem um evento, um momento de significado na vida. Esse evento pode rapidamente se perder na memória ou permanecer ali por anos.

6 Fred Craddock, *Preaching* (Nashville: Abingdon Press, 1985), p.123.

7 Na plenária de abertura do simpósio, apresento essa distinção teórica entre horizontes narrativos temporais e comunitários por meio do modo da história, oferecendo uma constelação de narrativas para ilustrar como isso se desenrola na vida real. Neste artigo, no entanto, escolhi abordar o tema por meio da razão e da explicação. Para uma apresentação narrativa desse material, veja a plenária de abertura em *concordiatheology.org*.

À medida que se avança para cima no diagrama, os horizontes temporais começam a se expandir. O episódio se conecta a outros episódios para compor uma história pessoal muito mais longa, uma narrativa. A narrativa, portanto, é a ordenação intencional de episódios selecionados de forma a dar significado à vida. Com o tempo, essa história pessoal muda, à medida que certos episódios são adicionados, outros são esquecidos e outros são integrados à história de maneira diferente. Os indivíduos formulam e reformulam suas histórias de vida na complexa arte da autobiografia espiritual, selecionando, interpretando e sequenciando experiências de maneira significativa ou intencional.

À medida que se avança novamente para cima no diagrama, tanto os horizontes temporais quanto os comunitários começam a se expandir. A história pessoal de alguém se une às histórias de outras pessoas em uma comunidade compartilhada. Esse compartilhamento de narrativas dentro da comunidade é sempre, em certa medida, provisório e exploratório. No contexto comunitário, as narrativas pessoais podem ser questionadas ou afirmadas. As comunidades podem formular ou reformular as suas narrativas de vida, apoiando-as ou subvertendo-as, reforçando ou recriando-as à maneira como os indivíduos vivenciam suas vidas e contam suas histórias. Em 2007, Henry Corcoran publicou sua pesquisa sobre o poder das comunidades narrativas em momentos de transição na vida.⁸ Ele observou que, em pontos de grandes mudanças (como o nascimento ou a morte de um filho, o casamento ou divórcio, a mudança para um novo emprego, uma nova casa ou uma nova escola), as pessoas tendem a reformular suas narrativas. Por exemplo, ao saírem de suas famílias e congregações para ingressar na faculdade, alguns jovens adultos podem aprender a reformular sua história de vida não mais em termos de sua identidade batismal em Cristo (uma forma de contar sua história que era sustentada por sua família e comunidade eclesial), mas em termos de gênero, etnia, classe ou orientação sexual (formas de narrativa que podem ser destacadas em certos contextos sociais e educacionais universitários).

É claro que, para os cristãos, essa atenção à comunidade e à narrativa não é novidade. O apóstolo Paulo já nos exortou e encorajou a considerar as histórias da comunidade de fé. Suas cartas estão repletas

8 Henry A. Corcoran, "A Synthesis of Narratives: Religious Undergraduate Students Making Meaning in the Context of a Secular University", *Concordia Journal*, ano 33, n.4, p. 357-374, 2007.

de convites à imitação. Ele encoraja os Filipenses: “Irmãos, sejam meus imitadores e observem os que vivem segundo o exemplo que temos dado a vocês” (Fp 3.17). Nesta mesma carta, ele não destaca apenas a si mesmo, mas também Timóteo e Epafrodito como exemplos a serem considerados. Ao escrever aos Tessalonicenses, Paulo os encoraja a imitá-los em seu trabalho enquanto se dedicam ao ministério (2Ts 3.7-9). Escrevendo a Timóteo, ele o instrui a ser um exemplo em sua fala, conduta, amor, fé e pureza (1Tm 4.12). O autor da epístola aos Hebreus também ecoa esse tema, apresentando um capítulo inteiro com as histórias do povo de fé. Essa retórica da exemplaridade convida os cristãos a ingressarem na grande comunidade do povo de Deus, vivendo e interpretando a vida, lendo e escrevendo suas histórias em relação a esses testemunhos da obra do Espírito.

Como Alan Jacobs observou em seu trabalho sobre autobiografia espiritual, infelizmente, algumas comunidades de fé podem pegar esses padrões e transformá-los em estereótipos.⁹ Tais estereótipos acabam alienando indivíduos, levando-os a questionar se suas experiências de vida podem, de fato, fazer parte da grande comunidade de fé. Por exemplo, narrativas de conversão baseadas na experiência de Paulo no caminho de Damasco podem deixar alguns cristãos – que foram trazidos à fé pelo batismo infantil – se perguntando que história têm para contar. O que é necessário para a saúde da igreja não é a imposição de um estereótipo específico, mas, sim, uma consciência fiel do coro de testemunhas nas Escrituras – um olhar sagrado para a variedade de padrões que a vida delas oferece, um trato reverente com a diversidade de maneiras pelas quais Deus age na vida de seu povo. Dessa forma, os cristãos podem apropriar-se fielmente desses padrões da Escritura dentro da comunidade dos crentes, contextualizando-os para uma autointerpretação significativa e uma confissão autêntica da fé.

Finalmente, à medida que se avança para o topo do diagrama, encontra-se a história mestra. Embora nossa história pessoal faça parte de uma comunidade e de sua narrativa, essa comunidade, por sua vez, está inserida em uma história ainda maior: a história sagrada. Essa história sagrada é a história mestra precisamente porque é a história do Mestre. Aquele que

9 Alan Jacobs, *Looking Before and After: Testimony and the Christian Life* (Grand Rapids: Eerdmans, 2008), p.19-39.

criou todas as coisas e as trouxe à existência por sua Palavra, continua a criar e ordenar nossa vida por meio dessa mesma Palavra. Essa história mestra nos dá a linguagem para pensar e moldar nossas próprias histórias. Esta história mestra não apenas reflete a realidade, mas a constrói. É essa história que nos oferece a lente para enxergar a obra de Deus em nossa vida. Assim, o apóstolo Paulo é capaz de ouvir a poesia pagã – como o hino a Zeus de Epimênides de Creta – e perceber ali o cântico da criação, reconhecendo que Deus criou todas as coisas e que “nele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17.28). Paulo é capaz de olhar para seus sofrimentos, espancamentos e prisões e falar sobre eles como os sofrimentos de Cristo (2Co 1.5). O apóstolo Paulo é capaz de contemplar a reunião do povo de Deus em uma igreja dividida ao redor do pão e do vinho, corpo e sangue, e falar sobre proclamar a morte do Senhor até que ele venha, vislumbrando um prenúncio do banquete celestial (1Co 11.26). A história mestra – passado, presente e futuro – apresenta a lente pela qual vivemos, moldando a experiência, compreendemos, falamos e compartilhamos com os outros e com o mundo as histórias da fé.

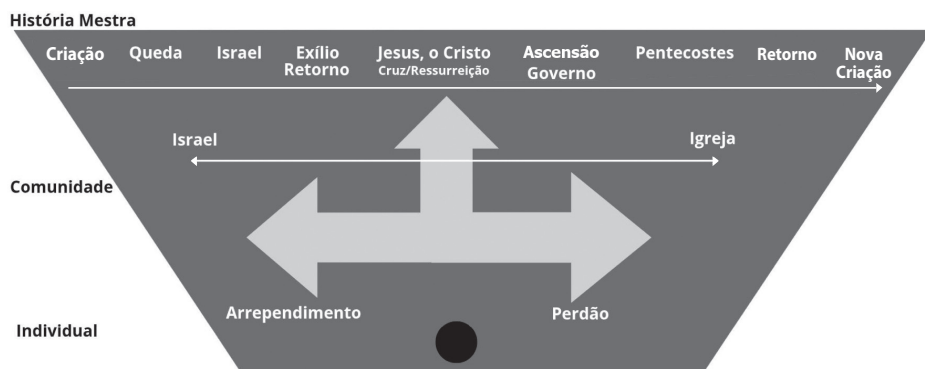
As narrativas têm o poder de formar comunidades, e, por meio dessa história mestra, Jesus nos traz para dentro da comunidade de Deus. Aqui, ele molda e preserva as histórias de seu povo, conduzindo-nos a uma nova criação, onde pessoas de “toda tribo, língua, povo e nação” são reunidas diante do trono (Ap 5.9-10). Perceba que os indivíduos não perdem sua identidade como tribo, povo, nação ou língua em Cristo. Pelo contrário, ao serem trazidos para o Reino de Deus, encontram sua verdadeira identidade como povo de Deus. Em toda a sua complexidade individual e comunitária, são incorporados ao propósito e à missão divina no mundo.

Ao nos reunirmos para este simpósio e ao publicarmos estes artigos, fazemos isso para ouvir mais atentamente essa história sagrada e refletir sobre sua narrativa. Essa reflexão teológica é importante, não apenas por causa das mudanças em nossa cultura que tentam silenciar essa história, mas porque as pessoas vivem nessa narrativa. À medida que a história mestra é contada de geração em geração, ela forma pessoas que fazem parte do desdobramento do Reino de Deus, desde a criação até a nova criação.

Tendo refletido sobre o que significa viver em uma história, agora voltamos nossa atenção para contar a história de Deus.

CONTANDO A HISTÓRIA DE DEUS

Em *Telling God's Story: Narrative Preaching for Christian Formation*, John Wright examina as tensões que surgem quando os cristãos recontam a história bíblica na cultura americana.¹⁰ Uma das percepções fundamentais que Wright oferece é o contraste entre o que chamarei de “encurtar a história de Deus” e “contar a história de Deus”. Para explorar essa tensão e como ela pode se manifestar dentro da tradição luterana, gostaria de usar o seguinte diagrama:¹¹



Esse diagrama permite perceber como a arte de contar a história de Deus envolve tanto um movimento vertical quanto um horizontal, desde uma experiência sagrada fundamental até horizontes narrativos mais amplos.

Na base do diagrama está o momento do arrependimento e do perdão, o coração da obra graciosa de Deus, trazendo indivíduos para o seu reino e sustentando-os na fé. Mas por que devemos enquadrar esse evento na

10 John W. Wright, *Telling God's Story: Narrative Preaching for Christian Formation* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2007).

11 Este diagrama é uma visualização da teoria sobre como interpretar seleções da narrativa bíblica, introduzida inicialmente por Gordon D. Fee e Douglas Stuart em *How To Read the Bible for All Its Worth* (Grand Rapids: Zondervan, 1981), p.74-75. Essa teoria tem sido frequentemente adotada e adaptada por estudiosos da homilética. Por exemplo, considere o uso dessa teoria por Sidney Greidanus para abordar a pregação da progressão redentora da história em seu livro *Preaching Christ from the Old Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1999), p.238-239.

linguagem da história? Não estaríamos simplesmente permitindo que tendências críticas atuais moldassem a confissão da fé? Não. Estamos falando as palavras que nos foram dadas para falar.

Quando o Verbo se fez carne e habitou entre nós, Jesus Cristo entrou na experiência humana e viveu uma história. No entanto, a história de sua vida, morte e ressurreição não é meramente a história de uma pessoa que morre e ressuscita dos mortos, mas é a história do Filho de Deus que perde sua vida para dar vida a todos. É a história sagrada da salvação na qual somos batizados.

Em Jesus Cristo, Deus Pai revela como estabeleceu seu reinado na terra e trará à plenitude a restauração de todas as coisas. Estendendo-se da criação à nova criação, essa grande história dá sentido a toda a vida (seja essa história reconhecida pelas pessoas ou não). Em Jesus Cristo, o eterno se torna conhecido no particular e, para aqueles que creem, é conhecido de maneira salvífica. No batismo, somos inseridos nessa história de salvação, batizados na morte e ressurreição de Jesus, que é o Senhor, ascendeu ao céu, governa sobre tudo e retornará para ressuscitar os mortos, julgar o mundo e trazer uma nova criação, onde todos os que nele creem viverão com ele eternamente. Esta é a história do nosso Mestre, e ela se torna nossa história de salvação ao sermos trazidos, pela graça mediante a fé, para o desdobramento do reino de Deus.¹²

À medida que o povo de Deus conta a história do Mestre, o Espírito chama todas as pessoas a viverem essa história por meio do arrependimento, da fé e da nova vida na comunidade do povo de Deus, enquanto aguardam a restauração de todas as coisas na nova criação. Assim, cada crente é incorporado pelo Espírito, através de Cristo, no reino do Pai. Essa incorporação liberta todos os crentes da condenação eterna e reformula suas experiências de vida, condenando as falsas narrativas que os afastam do reino de Deus, revelando a verdadeira história que lhes dá vida e formando sua identidade como filhos de Deus e herdeiros de seu reino eterno.

Ao trazer indivíduos para seu reino, Deus faz de cada pessoa parte de um povo que vive por sua proclamação e tem um propósito santo

12 A *Oração do Dilúvio*, de Lutero, oferece um belo exemplo de como a igreja pode expressar os amplos horizontes narrativos que envolvem o batismo.

no desdobramento de seu reino neste mundo. É isso que se articula ao mover-se tanto para cima verticalmente quanto para fora horizontalmente no diagrama. Ao mover-se para cima, verticalmente, confessa-se como Deus está agindo não apenas na vida individual, mas também na formação de uma comunidade de pessoas, na história maior da salvação sob o reinado e governo de Jesus Cristo. Deus está fazendo mais do que simplesmente agir em sua vida pessoal. Ele está chamando e formando você para ser parte de seu povo, que vive por sua proclamação e serve a seus santos propósitos enquanto ele governa o mundo. Ao mover-se para fora, horizontalmente, no diagrama, confessa-se como o governo de Deus se estende ao longo da história. Deus está fazendo mais do que apenas permitir que você reconheça sua obra em sua vida. Ele está levando você a confessar que faz parte de um povo muito maior que vive em uma história muito mais longa. Você adora ao Deus de Abraão, Isaque e Jacó, um Deus que chamou um povo, Israel, e por meio desse povo trouxe seu Filho, Jesus Cristo, por meio de quem ele abençoa todas as nações. Esse Deus estava presente na criação do mundo e estará lá no dia final, trazendo uma nova criação e reunindo todas as nações diante do trono.

Em seu trabalho, Wright argumenta de maneira perspicaz que a igreja na América distorceu os contornos dessa grande história. Os horizontes narrativos foram estreitados. No que tange à amplitude horizontal da história de Deus, a nação americana substituiu a igreja. O povo de Deus identifica erroneamente a América com a igreja, lamentando sua queda como nação cristã e desejando seu renascimento e ascensão. Como identificam a América com a igreja, assumem que o status do cristianismo neste país é um testemunho fiel do reinado e governo de Deus. Quanto ao movimento vertical, a direção foi invertida. Em vez de os indivíduos serem incorporados na grande história da salvação da obra de Deus no mundo, Deus está sendo incorporado na vida dos indivíduos e chamado a servir aos seus próprios horizontes narrativos. Deus se torna um ator coadjuvante na história de vida do indivíduo, e a experiência do arrependimento e do perdão se torna parte de um processo que capacita os indivíduos a terem sucesso e alcançarem seus objetivos. Assim, a grande história de Deus e sua obra no mundo foi reduzida a uma agenda nacionalista e terapêutica de “autoatualização” dentro de uma cultura capitalista e consumista.

E quanto à tradição luterana? É possível que nossa maneira de contar a história de Deus também tenha sido reduzida?¹³ Considere a atividade da pregação. Em artigos e simpósios anteriores, tenho refletido sobre como a dinâmica lei/evangelho da pregação fiel tem sido praticada de uma maneira que limita o alcance de nossa proclamação pública da fé.¹⁴ Em essência, às vezes, reduzimos a grande história de Deus, que se move da criação à nova criação, à simples proclamação da morte de Cristo para a remissão dos pecados. De fato, a proclamação da morte e ressurreição de Cristo para o perdão dos pecados é o coração da pregação, mas a arte de pregar envolve integrar essa proclamação na narrativa mais ampla da história de Deus. Neste ponto, quero ser claro. Não se trata de um problema com a dinâmica lei/evangelho. Não estou colocando a proclamação da lei/evangelho em oposição à narrativa da história de Deus. Não estou argumentando que uma dessas abordagens seja melhor que a outra. Não estou propondo uma falsa dicotomia, mas, sim, chamando para uma pregação fiel que abrace ambas. Os pregadores proclamam a morte e ressurreição de Jesus Cristo para o perdão dos pecados como parte de uma história muito maior de Deus. Meu objetivo é expandir nossa forma de contar essa história, ampliando em vez de restringir nossos horizontes narrativos. O problema não está na proclamação da lei/evangelho, mas no uso da lei/evangelho para reduzir a história de Deus a uma visão limitada.

Quando a dinâmica lei/evangelho reduz a história de Deus, os pregadores leem uma passagem das Escrituras e meditam apenas sobre como essa passagem revela o pecado e proclama a graça. Em vez de refletirem sobre como essa passagem insere o povo de Deus em uma história maior e mais ampla, eles perguntam: “Onde está a lei?” e “Onde

13 Na plenária de abertura do simpósio, examino esse contraste entre reduzir a história de Deus e narrá-la plenamente, utilizando exemplos da interpretação bíblica, da pregação e do testemunho. Neste artigo, situei essa discussão dentro de uma conversa mais ampla que nossa igreja tem tido sobre pregação. Para exemplos de como isso se manifesta na interpretação bíblica, na pregação e no testemunho, veja a plenária de abertura em *concordiatheology.org*.

14 Veja David R. Schmitt, “Freedom of Form: Law/Gospel and Sermon Structure in Contemporary Lutheran Homiletics”, *Concordia Journal*, ano 25, n.1, p. 42-45, 1999; David R. Schmitt, “Richard Caemmerer’s Goal, Malady, Means: A Retrospective Glance”, *Concordia Theological Quarterly*, ano 74, n.1-2, p.3-18 2010; e David R. Schmitt, “Law and Gospel in Sermon and Service”, em *Preaching Is Worship: The Sermon in Context*, Paul J. Grime e Dean W. Nadasdy (Eds.) (St. Louis: Concordia Publishing House, 2011), p.15-33.

está o evangelho?” ao preparar um sermão.¹⁵ De repente, as histórias das Escrituras se tornam desconectadas umas das outras. Elas passam a servir apenas como exemplos de pecado e perdão, descoladas da narrativa bíblica maior e úteis apenas para uma proclamação momentânea da lei e do evangelho, revelando o pecado e proclamando a graça.

Com o tempo, em vez de contar a história de Deus, os pregadores acabam reduzindo a história de Deus. Domingo após domingo, o povo de Deus vem e ouve fragmentos das Escrituras. Os sermões usam esses fragmentos para proclamar apenas uma parte da história: pecado e perdão. As pessoas veem o pecado e a graça em ação no texto e, por analogia, ouvem sobre o pecado e a graça em sua própria vida. No entanto, acabam perdendo de vista a história maior que se desenrola nas Escrituras: a eterna comunhão do Deus Triúno e sua missão de criar, redimir e recriar o mundo para viver em comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. As Escrituras passam a ser vistas apenas como uma coleção de histórias sobre diferentes pessoas que pecaram e foram perdoadas. Assim, nos enxergamos simplesmente como indivíduos que pecam e são perdoados, em vez de experimentar como Deus nos torna parte de seu povo santo – um povo que vive pela sua proclamação e cuja vida tem um propósito sagrado no desdobramento de seu Reino.

Embora vejamos e nos identifiquemos com histórias individuais e ouçamos sobre a morte de Jesus Cristo para o perdão dos pecados, as narrativas das Escrituras permanecem fragmentadas, e acabamos perdendo a revelação coerente da grande história de Deus. Deus, de repente, se torna um ator coadjuvante em nossa história, ajudando-nos com o perdão, em vez de ser aquele que nos traz para sua história – tomando-nos como indivíduos e formando-nos em um povo, seu povo, que tem um propósito e vive por sua proclamação em seu mundo. Assim, os pregadores passam a moldar Deus para torná-lo “relevante”, encaixando-o em nossas pequenas histórias humanas e fazendo-o atender às nossas necessidades frágeis, em vez de proclamar como Deus nos torna relevantes ao nos levar para o seu Reino e dar sentido à nossa vida em um mundo que vai além da nossa imaginação caída e que ainda será plenamente revelado. O sermão se torna

15 Richard Lischer discutiu essa abordagem interpretativa reducionista em seu livro, *A Theology of Preaching: The Dynamics of the Gospel* (Durham, NC: Labyrinth Press, 1992), p.43.

um momento individualizado de pecado e perdão, em vez de integrar os indivíduos, por meio do arrependimento e do perdão, à comunidade da fé – uma comunidade que vive no desdobramento do Reino de Deus na vida, morte, ressurreição, governo e retorno de Jesus Cristo.

Como passar de uma visão reduzida da história de Deus para uma narrativa mais ampla e fiel da história de Deus? Uma maneira seria considerar a dinâmica desse diagrama e como ele promove a interpretação e a proclamação da história-mestra de Deus. Por exemplo, pense em um pregador preparando um sermão baseado na repreensão de Natã a Davi (2 Samuel 11 e 12, a leitura do Antigo Testamento para o 6º Domingo após Pentecostes, Trienal C). No centro dessa passagem está a dinâmica do arrependimento e do perdão, um aspecto destacado no horizonte individual do diagrama. Um pregador que lê e proclama esse texto reconhece a realidade do pecado (neste caso, adultério, engano, assassinato, etc.) e a realidade do perdão (quando Natã absolve o arrependido Davi de seus pecados). Reduzir a história de Deus significaria ir diretamente dessa experiência de pecado e perdão para a experiência pessoal dos ouvintes, relacionando-a apenas ao pecado e ao perdão na própria vida destes, sem considerar as dinâmicas mais amplas que emergem ao se ler esse texto dentro de seus horizontes narrativos.

O diagrama, no entanto, encoraja o leitor a considerar essa mesma passagem dentro do horizonte narrativo da comunidade (movendo-se para cima e para fora). Dessa forma, Davi não é visto apenas como um homem que peca individualmente, mas também como um líder do povo de Deus que se entrega aos próprios desejos em vez de cumprir a sua vocação de servir a Deus e ao seu povo. O povo de Deus havia pedido um rei para “nos governar, sair adiante de nós e fazer as nossas guerras” (1Sm 8.20), e Deus, em resposta, lhes deu um rei. Agora, no entanto, “Decorrido um ano, no tempo em que os reis costumam sair para a guerra [...] Davi ficou em Jerusalém” (2Sm 11.1). Suas ações são privadas, não públicas; ele se entrega aos próprios desejos, em vez de seguir os caminhos de Deus ao servir seu povo. Davi não julga para o bem do povo, mas para si mesmo; não luta as batalhas de Israel, mas as suas próprias. Enquanto o exército de Israel combate os Amonitas, Davi, em certo sentido, trava uma guerra contra seu próprio povo. Enquanto Israel cerca a cidade de Rabá, Davi cerca Jerusalém, manipulando os acontecimentos para executar um

plano que resulta na morte de Urias, o Hitita, um guerreiro de Israel. Enquanto um hitita se abstém legalmente do contato com sua esposa por causa da batalha de Israel, Davi se entrega ao contato ilícito com a esposa de Urias para seu próprio prazer. Ele interfere estrategicamente na guerra de Israel, não para benefício do povo, mas para garantir sua própria vitória privada. De repente, essa história não trata apenas dos pecados particulares de um indivíduo, mas expõe a corrupção pública do povo escolhido de Deus, enredado no egoísmo e na autossatisfação do servo escolhido por Deus.

Se alguém considerar essa leitura dentro do horizonte narrativo mais amplo da história-mestra, começará a ver a obra de Deus através do profeta Natã como algo que vai além da repreensão do pecado individual e além da restauração de um líder público caído. Anteriormente, Deus fez uma promessa a Davi que duraria para sempre e, agora, ele age por meio de Natã, seu profeta, para continuar a revelar seu plano de salvação para todas as pessoas, permanecendo fiel às suas promessas, mesmo quando seu povo cai em pecado. Antes, quando Davi desejou construir uma casa para Deus, o próprio Deus revelou seu desejo de levantar um descendente de Davi que “edificarei um templo ao meu nome, e eu estabalecerei para sempre o trono do seu reino” (2Sm 7.13). Neste texto, começamos a ver como essa promessa da aliança de Deus será cumprida, apesar da pecaminosidade do seu povo. Ironicamente, o descendente de Davi por meio da esposa de Urias (Mt 1.6) será o Filho de Deus, que estabelecerá o reino de Deus e “salvará o seu povo dos pecados deles” (Mt 1.21). No entanto, o plano geral de Deus não aprova o pecado. Pelo contrário, Deus repreende o pecado e perdoa suas criaturas, ao mesmo tempo em que permanece fiel à sua promessa de libertar todas as pessoas do reino de Satanás e conduzi-las ao reino eterno de seu Filho amado (Gn 3.15). Neste texto, vemos o momento em que Deus envia seu profeta Natã para repreender o pecado de Davi e, por meio do arrependimento e do perdão, trazer Davi de volta ao seu povo para governá-lo, enquanto o próprio *Iahweh* permanece fiel à sua promessa da aliança e trabalha para estabelecer o reino de seu Filho, por meio do qual reunirá um povo santo de todas as nações e restaurará sua criação caída.

CONSIDERAÇÕES

Este é apenas um pequeno exemplo de como o povo de Deus pode se engajar em práticas que promovem a narração da história de Deus, em vez de reduzi-la ou obscurecê-la. Tais práticas de interpretação e proclamação, quando cultivadas no ministério e na missão, no cuidado pastoral e na devoção pessoal, responderão a uma cultura que tem tudo, mas que praticamente apagou a história de Deus de sua memória pública. Estas práticas formarão indivíduos que vivem como parte do povo de Deus, guiados pela proclamação divina e com um propósito santo dentro da grande história da salvação e da obra de Deus no mundo.